

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

**ENTRE PARIS E HOLLYWOOD,
EXOTISMO E INVISIBILIDADE:
A MULHER ANTILHANA EM MARYSE CONDÉ¹**

Typhaine Leservot

Typhaine Leservot é professora de Literatura Francófona no departamento de Línguas e Literaturas Românicas e no College of Letters, na Universidade Wesleyan, Connecticut. A sua produção científica, constituída por artigos e capítulos publicados em revistas dedicadas aos Estudos Francófonos, entre outras, e em obras coletivas, versa sobre temáticas relacionadas com os refugiados franceses da ilha de São Domingos que, entre 1789 e 1810, fugiram para a Luisiana e sobre o ocidentalismo no romance gráfico *Persépolis*, da artista polifacetada franco-iraniana, Marjane Satrapi. A autora escreveu, ainda, vários estudos sobre Maryse Condé e Assia Djebar. O seu projeto de investigação atual centra-se na produção cultural de artistas oriundos do Magreb radicados no Québec. No fragmento traduzido, a autora procura refletir sobre a emergência de um modelo de identificação no feminino, de contornos ocidentais, nascido do fenómeno da mundialização dos *media*.

¹ Tyhaine Leservot (2007). “ Entre Paris et Hollywood, exotisme et invisibilité : l'Antillaise chez Maryse Condé ”, in *Le corps mondialisé – Marie Redonnet, Maryse Condé, Assia Djebar*, Paris, L'Harmattan, pp. 89-141.

Tal como Dieudonné, em *La Belle Créole* (2001), se sente mais atraído pelos Estados Unidos do que por França, as Antilhas Francesas, seduzidas pelo sonho americano de sucesso e de felicidade tão próximo geograficamente e tão habilmente transmitido pelos grande e pequeno ecrãs, também nutrem um maior fascínio pelos Estados Unidos do que pela metrópole. Até a cozinha das Antilhas, o ponto alto da identidade crioula, que alia influências francesas, africanas e indianas, se transforma, em *Herémakhonon* (1976), numa gigantesca publicidade para a América, a sua Coca-Cola e as suas *pin-ups* loiras, após ter exibido, durante muito tempo, os bebês loiros da Cadum, empresa de cosmética franco-americana. Doravante decoradas com imagens publicitárias de jovens modelos loiros exuberantes vendendo Coca-Cola, as paredes da cozinha antilhana, onde Verónica cresceu, tecem laços fortes com os Estados Unidos, uma vez que o consumo alimentar se une simbolicamente ao consumo de produtos americanos, nomeadamente de corpos femininos americanos.

Realçar a existência de uma ligação desta natureza entre os Estados Unidos e as Antilhas não é comum no pensamento antilhano francófono. As três teorias mais relevantes que tentam definir a identidade das Antilhas só muito raramente referem a América e, quando o fazem, é com um intuito de demarcação. Assim, se a Negritude de Aimé Césaire (1939) incitou os antilhanos a restaurar as raízes africanas, a Antilhanidade de Édouard Glissant (1981), por sua vez, sublinhou a identidade geográfica que une as ilhas das Antilhas e, por fim, a Crioulidade do trio Jean Barnabé, Raphaël Confiant e Patrick Chamoiseau (1989) definiu-se como o resultado da mestiçagem violenta de várias culturas, recusando não só a preeminência de uma ligação histórica com África como também geográfica e cultural com o continente americano. Se a teoria que apresentam em *Éloge de la créolité* (1989) liberta os antilhanos de laços, doravante ambíguos, com a Europa e a África e, até mesmo, com a Ásia, de onde provêm, respetivamente, as minorias brancas [békés], os negros e os indianos,

o manifesto insiste, paralelamente, no facto de a América e as Caraíbas partilharem poucos elos comuns. Com efeito, para os crioulistas, “convém distinguir Americanidade, e [...] Crioulidade, [...]. Enquanto a *Americanidade é uma cultura emigrada*, num esplêndido isolamento, o processo de criouliização é distinto, uma vez que designa a aproximação proterva de populações culturalmente diferentes [...], levando à criação de uma cultura sincrética dita crioula” (p. 29-31).

Se a definição de Americanidade enquanto processo de isolamento da cultura anglo-saxónica imigrada é válida do ponto de vista dos W.A.S.P.'s (White Anglo-Saxon Protestants), os colonos do continente norte-americano que acreditavam estar a povoar um território “virgem”, este entendimento do conceito perde validade do ponto de vista dos índios da América e das populações africanas transplantadas e escravizadas no sul dos Estados Unidos. Com efeito, os índios e os africanos presentes em território americano sofreram um processo de “aproximação brutal” da sua cultura a uma outra que define, segundo os Crioulistas, a Crioulidade.

Contrariamente, portanto, aos intelectuais antilhanos que recusam desenvolver qualquer relação entre Americanidade e Crioulidade, mas também ao invés da metrópole que prefere destacar a sua relação histórica com as Antilhas, a fim de não perder ilhas estratégicas, porque próximas dos Estados Unidos, Maryse Condé cria personagens que, ao emigrar como ela para os Estados Unidos, sustentam uma filialidade entre a América das ilhas e a América do continente, raramente analisada na literatura e no pensamento franco-antilhanos. Ainda que os seus primeiros romances tenham explorado a ideia cesariana do regresso a África, Maryse Condé estabelece rapidamente vínculos entre as Antilhas e a América, na medida em que, já em 1985, duas novelas da antologia *Pays-mêlé* (“Trois femmes à Manhattan” e “Mount Shasta”) se situam nos Estados Unidos. Desde então, vários são os romances da autora que se desenrolam, em parte ou na sua totalidade, na América do Norte, do Sul, Central ou nas ilhas. Assim,

Moi, Tituba, sorcière noire de Salem (1986) desenvolve-se entre a ilha de Barbados e Boston; *La Vie scélérate* (1998), entre o Panamá, Guadalupe e os Estados Unidos; *Traversée de la mangrove* (1989) reúne os antilhanos oriundos dos múltiplos horizontes caribenhos; *Les Derniers rois mages* (1992) localiza-se no sul dos Estados Unidos; *La Colonie du Nouveau Monde* (1993), na América do Sul; *Desiderada* termina em Boston e, em *La Belle créole*, o herói parte para os Estados Unidos. Estas migrações repetidas para a América permitem às personagens antilhanas de Condé explorar a sua identidade já não em relação a África, França ou Europa, mas sim em relação aos seus vizinhos mais próximos: os americanos. Este laço estabelecido entre a América das ilhas e do continente situa Condé, irremediavelmente, à margem dos Crioulistas em particular e da reflexão sobre a identidade antilhana em geral. Se esta filialidade é única na literatura antilhana francófona, ela não deixa, no entanto, de ser representativa da realidade, uma vez que, atualmente, há, na América do Norte, e mais concretamente, na Flórida, em Nova-Iorque, em Montreal e em Toronto, vários milhões de imigrantes antilhanos, maioritariamente haitianos, cubanos ou jamaicanos.

Ao sublinhar as ligações que unem as Antilhas à América, laços físicos nascidos das migrações do passado e das atuais para os Estados-Unidos, mas também do crescente aumento do consumo de produtos americanos, a narração de Condé realça a peculiaridade do contexto antilhano que exige uma redefinição do conceito de mundialização, a qual não pode ser considerada, tendo em conta a forte presença da França nas Antilhas, como uma mera americanização. Ora, se, nas Antilhas, a mundialização exige uma definição diferente da que prevalece em França, será que esta também afeta de forma distinta as mulheres franco-antilhanas negras ou mestiças e as francesas brancas dos romances de Redonnet? A evolução do conceito de mundialização no contexto das Antilhas e as suas consequências sobre os corpos femininos antilhanos ajudar-nos-ão a descobrir a

mensagem que a obra da escritora Maryse Condé procura transmitir sobre a relação entre raça e mundialização. Em última instância, a questão que coloca o estudo da sua obra diz respeito ao poder de uniformização da mundialização. Se, na obra da autora, a concretização da mundialização manifesta contornos diferentes, revelando a existência de uma certa mestiçagem cultural, teremos de entender que este fenómeno é erradamente considerado homogeneizador?

Como em Redonnet, a mundialização, enquanto fenómeno social, económico, político e cultural tem, na obra de Condé, consequências sobre a representação do corpo feminino. Contudo, ao invés de Redonnet, em Condé, a encenação do corpo da mulher, por ser antilhano e, portanto, marcado pela história da colonização e da escravatura, tem de enfrentar o modelo feminino glamoroso de Hollywood denunciado por Redonnet e resolver o problema dos estereótipos do passado que persistem em torno da mulher negra ou mestiça, veiculados por esses mesmos *media* que exaltam a beleza da mulher branca. Estereotipada desde a sua chegada às ilhas como escrava, a antilhana representou, simultaneamente, a mulher concupiscente, exótica e sensual que despertava a sexualidade dos colonos europeus e a mulher *poto-mitan*², pilar indestrutível da família para os antilhanos. Estará a antilhana de hoje, tal como surge na obra de Maryse Condé, de novo, a sofrer, por via dos clichés desenhados por outros, um processo de alienação do seu corpo? Que influências exercem sobre ela os *media* americanos que Redonnet acusa de modificar o ser e o parecer femininos? A antilhana de Maryse Condé limitar-se-á a reproduzir a imagem feminina mediática envolvente ou estará, pelo contrário, a resistir ao modelo mundial de identificação feminina veiculado pelos meios de comunicação social?

Para responder a estas perguntas, e considerando as particularidades do contexto antilhano, a reflexão de Glissant é incontornável.

² Expressão pertencente ao léxico do crioulo das Antilhas e da Guiana Francesa.

Segundo o autor, o ex-colonizado transplantado só poderá assimilar a sua identidade se se desviar da ideia de um regresso impossível ao país dos seus antepassados, atitude contrária à do colonizador que procura as suas raízes na mãe-pátria:

“[...] exorcizar o Regresso impossível pelo que chamo uma prática do Desvio [...]. O Desvio é o último recurso de um povo cuja dominação por Outro é ocultada” (1981. p. 47-8).

Um tal desvio longe da suposta pátria-mãe implica um desenraizamento, o abandono de uma situação conhecida, mas opressora, para um exílio em direção ao outro e para um outro lugar a fim de se reconstruir no diferente. Se transpusermos esta teoria ao corpo das mulheres antilhanas, observamos que são duplamente “transplantadas”, uma vez que não só habitam um corpo que não lhes pertencem como também vivem numa terra na qual não nasceram os seus antepassados. Após terem ficado, durante séculos, presas aos estereótipos exóticos erigidos pelos europeus e, depois, aos clichés construídos pelos próprios antilhanos, para que corpo poderiam “regressar”? À avaliação da amplitude da euro-americanização na obra de Condé, seguir-se-á a análise da utilização do desvio de Glissant enquanto prática de resistência corporal na obra da autora. Que preparativos precedem esta resistência pelo desvio? Que identidades ou que corpos femininos emergem do desvio?

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE
MARIA HELENA ANTUNES
Universidade de Lisboa